

Comparação de conceitos e processos nos Behaviorismos de Kantor e Skinner

Comparing concepts and processes in the Behaviorisms of Kantor and Skinner

 BRUNA COLOMBO DOS SANTOS¹

¹UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA – UEFS

 MARCUS BENTES DE CARVALHO NETO²

²UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – UFPA

Resumo

O behaviorismo não é uma filosofia unificada na ciência. São identificados pelo menos 15 behaviorismos diferentes, divididos em behaviorismos psicológicos e filosóficos. Dessa forma, fazer uma análise comparativa entre estes behaviorismos pode se apresentar como uma tarefa produtiva para estudiosos desta área. O objetivo desse ensaio foi analisar comparativamente os behaviorismos de Kantor e Skinner, de forma a revelar similaridades e diferenças entre ambos. Foram elencados como tópicos para análise: objeto de estudo, unidade de análise e seus componentes e modelo de causalidade. De maneira geral, observou-se que as propostas destes autores apresentam características em comum, como por exemplo, comportamento como fenômeno interacional e como objeto de estudo científico, rejeição do dualismo e de “agentes” internos como causas do comportamento. Por outro lado, alguns aspectos abordados pelo interbehaviorismo não são abordados por Skinner, ou o são de maneira bastante distinta. Argumenta-se que esse exercício pode trazer elementos que auxiliem ambas as áreas em sua própria revisão e, se necessário, reformulação.

Palavras-chave: Behaviorismo Radical, Interbehaviorismo, análise comparativa.

Abstract

Behaviorism is not a unified philosophy in science. There are at least 15 different behaviorisms, divided into psychological and philosophical behaviorisms. Making a comparative analysis between these behaviorisms can present itself as a productive task for scholars in this area. The purpose of this paper was to comparatively analyze the behaviorisms of Kantor and Skinner, to reveal similarities and differences. The topics for analysis listed were study object, unit of analysis and its components, and causality mode. The proposals of both authors have common characteristics such as behavior as an interactional phenomenon and object of scientific study, rejection of dualism and internal “agents” as causes of behavior. On the other hand, some aspects addressed by interbehaviorism are not addressed by Skinner or are quite differently. It is argued that works like this can bring elements that could be helpful for both fields in their own revision and, if necessary, reformulation.

Keywords: Radical Behaviorism; Interbehaviorism; comparative analyses.

Financiamento: Trabalho parcialmente financiado pela CAPES (através de bolsa de doutorado concedida ao 1º autor) e pelo CNPq (através de bolsa de produtividade, concedida ao 2º autor. Processo No. 309704/2019-7).

✉ brucolombodossantos@gmail.com

DOI: [HTTP://DX.DOI.ORG/10.18542/REBAC.V17I1.10635](http://dx.doi.org/10.18542/REBAC.V17I1.10635)

É comum encontrar referências genéricas na literatura sobre filosofia da ciência ao “behaviorismo”, como se o termo designasse um tipo unificado e auto evidente de pensamento (Chiesa, 1994/2006). Chiesa (1994/2006) apresenta um exemplo retirado de Mahoney (1989) no qual o autor faz uma crítica ao Behaviorismo Radical e cita vários artigos como exemplos, dentre eles, um texto sobre condicionamento pavloviano. De acordo com a autora, é comum que diferentes autores como Skinner, Pavlov, Watson, Tolman, Hull, Guthrie, sejam colocados sob o mesmo rótulo.

Entretanto, existem inúmeros behaviorismos que diferem entre si em muitas questões (Marx & Hilix, 1963; O’Donahue & Kitchener, 1999). Nesse texto, trabalharemos com a proposição de O’Donahue e Kitchener (1999) que fazem uma divisão entre behaviorismos psicológicos e filosóficos, apresentando parâmetros que os norteiam.

Os parâmetros apresentados por O’Donahue e Kitchener (1999) são: (1) a psicologia é tido como braço das ciências naturais; (2) a evidência psicológica deve ser objetiva, obtida a partir da observação e experimentação com objetos públicos; (3) a introspecção¹ é problemática e deve ser evitada; (4) os dados psicológicos devem dizer a respeito do comportamento molar e não de processos fisiológicos; (5) termos mentais são problemáticos e devem ser evitados ou traduzidos em linguagem não mentalista; (6) os conceitos teóricos devem estar fortemente relacionados com dados comportamentais; (7) o behaviorismo está associado com a pesquisa sobre aprendizagem; (8) a adaptação do organismo ao ambiente é uma preocupação central dos behavioristas; (9) as noções de pensamento e cognição, em geral, desviam a atenção para longe do comportamento e do ambiente e suas relações; (10) o behaviorismo rejeita causas internas putativas, ao contrário, foca nas relações ambientais que afetam e são afetadas por um organismo que se comporta; (11) é possível e útil traduzir sentenças mentalistas em sentenças que apelem apenas para o comportamento e outros eventos observáveis; (12) questões sobre linguagem e, em particular, sobre significado podem ser proveitosamente estudadas através do estudo do comportamento verbal; (13) questões filosóficas, como as da natureza do conhecimento, devem ser naturalizadas e questões epistemológicas podem ser respondidas por meio de formulações psicológicas da aprendizagem.

Todos estes parâmetros dizem respeito à produção de explicações e previsões sobre comportamento humano. Eles são uma aposta naquilo que é considerado a melhor maneira de produzir conhecimento acerca do comportamento. O’Donahue e Kitchener (1999) afirmam que a maioria dos behaviorismos psicológicos endossaria os parâmetros 1, 2, 3, 4, 6 e 7; enquanto a maioria dos behaviorismos filosóficos (e.g., behaviorismos de Quine, Ryle e Wittgenstein) aceitaria poucos destes princípios, por exemplo, os parâmetros 5, 6, 8, 9, 11, 12 e 13, seriam controversos.

A diversidade de behaviorismos existentes traz pluralidade para algo que corriqueiramente é tomado como estático e único. Ao contrário do que se veicula na literatura, especialmente fora do nicho analítico-comportamental, “o behaviorismo” está longe de ser unificado (O’Donahue & Kitchener, 1999). Melhor seria falar de “behaviorismos” (para uma visão geral da diversidade, ver Zilio & Carrara, 2016, 2017 e 2019). Sendo assim, conhecer de forma mais ampla esta pluralidade de propostas comportamentais pode proporcionar uma compreensão mais acurada sobre este tema, além de maior possibilidade de análise crítica.

Embora fosse bastante desafiador e frutífero realizar uma análise ampla dos behaviorismos, tal tarefa foge do escopo de um único ensaio. Foram escolhidos para descrição, análise e comparação dois behaviorismos psicológicos: os behaviorismos de J. R. Kantor (Interbehaviorismo) e B. F. Skinner (Behaviorismo Radical). Optou-se por estes behaviorismos em razão dos seus pontos de contato já salientados por diversos autores e da possibilidade de contribuição mútua entre ambos (Hayes & Fredericks, 1999; Moore, 1984; Morris, 1982, 1984; Parrot, 1983; Tourinho, 2004), além das influências que Kantor exerceu sobre Skinner (Morris, 1982; Skinner 1938/1991, 1979).

O objetivo do presente artigo é descrever, analisar e comparar o interbehaviorismo e o behaviorismo radical, tecendo, inicialmente, um panorama histórico sobre seus fundadores para, em seguida, analisar suas concepções de: objeto de estudo, unidade de análise e seus componentes, e modelo de causalidade. Espera-se que ao esclarecer os posicionamentos de ambos os autores, suas principais similaridades e diferenças, possamos trazer elementos para que

¹ O’Donahue e Kitchener (1999) parecem usar o termo “introspecção” de forma genérica. Contudo, conforme alerta Danziger (1980) o termo “introspecção” abarca um conjunto de posições teórico-práticas bastante distintas. Por exemplo, Wilhelm Wundt argumentava que apenas o laboratório forneceria condições para que dados introspectivos fossem coletados, a partir de apresentações repetidas de estímulos simples e a exigência de reações imediatas, o que limitaria o escopo da introspecção à eventos psicológicos elementares. Essa exigência foi rejeitada por outros psicólogos experimentais, que argumentavam em favor de estender a introspecção para permitir a investigação de fenômenos mais complexos como pensamento e resolução de problemas. A fidedignidade dos dados de introspecção seria função de certas atitudes ao introspeccionar. Essas atitudes também foram motivos de divergência entre psicólogos experimentais (e.g., Titchener e membros da escola de Wurzburg) (Danziger, 2001).

ambas as áreas, em especial o Behaviorismo Radical, possam pensar criticamente seus sistemas e, se necessário e salutar, produzir reformulações.

Panorama Histórico: J. R. Kantor (1888-1984) e B. F. Skinner (1904-1990)

J. R. Kantor nasceu em Harrisburg, Pensilvânia, em 1888. Kantor se mudou para Chicago quando tinha onze de idade. Em Chicago completou a graduação em Filosofia e seu doutorado em Psicologia. A Universidade de Chicago, na época, era berço da tradição funcionalista de Willian James, conhecida como Psicologia da Adaptação. Pavlov e Watson também eram autores que influenciavam fortemente o ensino de psicologia naquela universidade, naquele período (Hayes & Fredericks, 1999). Kantor parece ter sido influenciado pelos funcionalistas de Chicago e objetivistas como Watson. Contudo, como afirmam Morris (1982) e Hayes e Fredericks (1999), Kantor tecia críticas tanto aos funcionalistas quanto aos behavioristas da época, alegando que nenhum dos grupos tinha rompido totalmente com o dualismo mente-corpo.

Depois de finalizar seus estudos em Chicago em 1917, foi professor nessa mesma universidade até 1920, quando assumiu a cadeira de professor na Universidade de Indiana, onde permaneceu até sua aposentadoria. Lá sua “Psicologia organísmica” foi renomeada como “Psicologia intercomportamental”. Em Indiana, teve papel importante na contratação de Skinner e parece ter influenciado o trabalho deste autor nos seguintes aspectos: eliminação do conceito de *drive* e apreciação da impossibilidade de definir um estímulo sem referência funcional à resposta e vice-versa (Skinner, 1938).

Kantor deixou a Universidade de Indiana em 1957 e voltou como professor emérito para Chicago, onde permaneceu por quase 30 anos. Neste período, ele completou seu trabalho sistemático em psicologia e filosofia. Kantor se manteve academicamente produtivo até sua morte e foi influente no cenário científico da psicologia da época, sendo membro da associação de analistas do comportamento do meio-oeste dos EUA, além de realizar viagens a outros países, como o México, divulgando suas ideias (Hayes & Fredericks, 1999).

Parrot (1984), afirma que, antes de 1924, Kantor já tinha artigos publicados sobre: fatores biológicos em eventos psicológicos, ações afetivas, percepção e outros tipos de comportamento humano complexo (e.g., memória, linguagem, inteligência), aquisição e manutenção do comportamento e psicologia social. Após 1926, Kantor começou a considerar a área de estudos psicológicos em grande detalhe, dando atenção a três tópicos distintos: psicologia social, psicologia da gramática e linguagem e psicologia fisiológica.

Parrot (1984) descreve que Kantor sempre se interessou por lógica e filosofia da ciência, entretanto, seu empenho nos estudos psicológicos descritos anteriormente fez que com ele só retornasse ao campo da lógica e da filosofia depois de 1930. Em 1957, já como professor emérito em Chicago, seus estudos enfatizavam a evolução da psicologia enquanto ciência (Parrot, 1984).

Os interesses de Kantor foram variados e se modificaram ao longo do tempo, embora recaíssem, de certa forma, sobre preocupações com psicologia, filosofia e ciência. Hayes e Fredericks (1999) afirmam que embora Kantor tenha produzido sistematicamente durante sua carreira, o behaviorismo proposto por ele é amplamente desconhecido e negligenciado, inclusive nos livros de história da psicologia.

Sobre este aspecto, Morris (1982) comenta que talvez esta variação de interesses tenha impedido Kantor de se dedicar a algo específico e ficar conhecido por isto. Entretanto, esta é apenas uma das possibilidades levantadas na tentativa de explicar seu desconhecimento, outras incluem: sua linguagem rebuscada; suas críticas duras ao *mainstream* psicológico de sua época; a ausência de soluções de mudança, novas leis e dados; e ausência de metodologia e pesquisa experimental (Morris, 1982; Hayes & Fredericks, 1999).

B. F. Skinner nasceu em 1904 na Pensilvânia e fez a graduação em Língua Inglesa e Literatura na Universidade de Hamilton, em Nova York. Entretanto, Skinner não seguiu a carreira em Letras. Entre os anos 1928-1936, realizou seu doutorado e pós-doutorado em Harvard, em psicologia. Foi em Harvard que estabeleceu as bases de seu sistema científico e seu método de pesquisa do comportamento – o delineamento de sujeito único (Cruz, 2019).

Cruz (2019) comenta que o cenário do departamento de psicologia de Harvard quando Skinner ingressou no doutorado não era dos mais promissores. Edwin G. Boring era o chefe do departamento e lutava contra o estabelecimento da psicologia aplicada que se alastrava nos Estados Unidos. Sua recusa pela adesão a psicologia aplicada repercutiu financeiramente no departamento de psicologia de Harvard que passou a enfrentar uma crise.

Skinner descreveu a experiência no departamento de psicologia de Harvard com conotações ruins, principalmente pela ausência de conteúdos como Pavlov e Watson (Cruz, 2019). O único contato que Skinner teve com o behaviorismo em Harvard foi num seminário ministrado pelo professor Hunter. Skinner, então, entrou em contato com o departamento de fisiologia, solicitando realizar sua pesquisa de doutorado lá, sendo orientado por W. J. Crozier, chefe do departamento (Cruz, 2019). Crozier tinha influência de Jacques Loeb e muito do que era realizado

experimentalmente em seu laboratório era inspirado nas ideias de Loeb. Crozier advogava fortemente pela metodologia de sujeito único, que também se tornou marca da Análise do Comportamento (Hackenberg, 1995). Outro fator importante é que Loeb foi inspirado por Ernest Mach (Hackenberg, 1995), que terá influência sobre Skinner.

Se Kantor teve influências do funcionalismo e objetivismo, características da Universidade em que se encontrava, Skinner parece ter tido quase nenhuma influência da psicologia de Harvard. Na verdade, Cruz (2019) afirma que Skinner desconhecia amplamente a literatura psicológica de seu tempo, o que provavelmente possibilitou a construção de uma ciência única do comportamento. A principal influência em Harvard, especialmente nos aspectos conceituais e metodológicos, ocorreu por meio das atividades desenvolvidas na fisiologia e não na psicologia (Carvalho Neto, 2001; Cruz, 2019). Após a saída de Skinner de Harvard, ele foi professor na Universidade de Minnesota (1936), em seguida foi para a Universidade de Indiana (1945) e retornou a Harvard em 1948 (Skinner, 1979).

Em Indiana os caminhos de Skinner e Kantor se cruzaram. Skinner já havia feito menção a Kantor em sua publicação de 1938, onde ao falar da definição de estímulo e resposta como interdependentes faz menção a Kantor: “A impossibilidade de definir um estímulo funcional sem referência a uma resposta funcional, e vice-versa, tem sido especialmente enfatizada por Kantor” (Skinner, 1938/1991, p. 35). Além disso, Skinner (1979) reconheceu que Kantor foi responsável por convencê-lo de que ele ainda tinha muitos “fantasmas” em seu pensamento, como por exemplo, o conceito de *drive*.

Embora algumas influências de Kantor sobre Skinner sejam reconhecidas, não se sabe ainda a extensão que elas efetivamente assumiram (Tourinho, 2011). Entretanto, o contrário, parece não ter ocorrido. Embora Kantor considerasse Skinner como um “interbehaviorista”, Skinner parece não ter exercido influências claras sobre o seu pensamento (Hayes & Frederic, 1999; Kantor, 1970).

Assim como Kantor, Skinner teve uma vasta obra. Os interesses de Skinner também foram centrados no desenvolvimento e estabelecimento de uma ciência do comportamento, mesmo quando o autor se debruçou sobre temas como linguagem, sociedade e educação.

Diferentemente de Kantor, a obra de Skinner, bem como seu papel na edificação e solidificação da ciência do comportamento, são amplamente reconhecidos dentro e fora da psicologia. Skinner recebeu, por exemplo, um prêmio da APA pelas contribuições a psicologia (Vargas, 1990). Além de sua proposta para estudo do comportamento humano ter gerado frutos como o *Journal of Experimental Analysis of Behavior* (JEAB), o *Journal of Applied Analysis of Behavior* (JABA), além de periódicos específicos para discussão da filosofia desta ciência, além de aspectos teóricos, como por exemplo, o *Behavior and Philosophy* e o *The Behavior Analyst*. Embora Kantor não tenha tido o mesmo reconhecimento que Skinner, ele foi fundador de jornais importantes como o *Psychological Record* e o *Principia Press*, que contribuíram para disseminação da psicologia comportamental.

Similaridades e Diferenças entre o Interbehaviorismo e o Behaviorismo Radical

Nessa seção, serão apresentadas similaridades e diferenças entre estes behaviorismos no que concerne aos seguintes aspectos: objeto de estudo; unidade de análise e seus componentes e modelo de causalidade. Salienta-se que esses tópicos não esgotam as possibilidades de comparação entre esses sistemas.

Objeto de Estudo

Kantor e Smith (1975) afirmam que o comportamento de um organismo vivo é contínuo tanto quanto o próprio indivíduo e não existe um momento sequer em que um organismo não esteja interagindo com o mundo. Ao final de uma crítica tecida ao “behaviorismo” em geral, esclarece qual seria o seu objeto de estudo: “. . . o tratamento dos eventos psicológicos como campos nos quais respostas ou atos do organismo operam em interação com estímulos objetos sob condições específicas pode suprir completa e satisfatoriamente descrições científicas na psicologia como em qualquer outra ciência” (Kantor & Smith, 1975, p. 31).

Ao falar da sua unidade de análise o “seguimento de intercomportamento” que será tratado no tópico posterior, Kantor e Smith (1975) mais uma vez reafirmam o seu objeto de estudo como interacional: “Estímulos e respostas são fatores recíprocos de um segmento de comportamento. Um não pode ocorrer sem o outro” (p. 32). O caráter interacional de sua unidade de análise é claro, todavia essa compreensão pode ser mais bem elaborada ao se tratar do papel da história intercomportamental, que diferenciará a interação psicológica de outros tipos de interação (e.g., biológica). A interação psicológica atual de um indivíduo ocorre com base em uma história de aprendizagem individual, ela é, portanto, maleável, ajustável, diferente de outros tipos de interação.

Skinner (1938/1991, 1953/2007, 1974/2006, 1981) também apresenta postura semelhante. Skinner (1938/1991) afirma que o comportamento é objeto de estudo científico por si só, ou seja, ele é a matéria a ser estudada e não qualquer outra coisa subjacente como era postulado pela psicologia tradicional. Ao definir comportamento afirma: “É mais acurado dizer que o comportamento é parte do funcionamento do organismo que está engajado em agir sobre ou ter comércio com o mundo externo” (Skinner, 1938/1991, p. 6). Outras afirmações de Skinner, também mostram o caráter interacional do comportamento como objeto de estudo: “Campos como a respiração, a digestão, a circulação e a imunização foram isolados para o estudo especial entre eles está a área que chamamos comportamento. Este envolve comumente o ambiente” (Skinner, 1974/2006, p.33). E: “O que nós chamamos de comportamento evoluiu como um conjunto de funções aprofundando o intercâmbio entre organismo e ambiente” (Skinner, 1981, p. 501).

Ambos os autores consideravam o comportamento do organismo como um todo como objeto de estudo. Kantor (1959/1978) afirma que os eventos psicológicos implicam a participação dos organismos de maneira total e não apenas de partes específicas como órgãos e tecidos. Skinner apresenta postura semelhante já no início de sua obra (Sério, 1990). Embora a definição de objeto de estudo dos autores acabe por se assemelhar em muitos momentos, Kantor se mostrou crítico da definição de comportamento proposta por Skinner (1938/1991). Kantor (1970) afirma que a definição de comportamento dada por Skinner é incompleta, pois não considera que o comportamento é interação.

Hayes e Friedericks (1999) avaliam que embora Kantor e Skinner considerem o comportamento como objeto de estudo, uma diferença entre eles é que Kantor o considera como interação e Skinner apenas como uma ação do organismo. Todavia, de acordo com as citações de diferentes obras de Skinner anteriormente apresentadas, pode-se concluir que essa é uma interpretação equivocada. Nos trechos supracitados (Skinner, 1938/1991; 1974/2006; 1981) observa-se o caráter interacional nas definições de comportamento apresentadas por Skinner. O que pode ser fato, entretanto, é que Kantor deixa bastante explícita sua definição de comportamento, inclusive, considerando-o como “intercomportamento”, trazendo noção clara de interação, enquanto Skinner não o faz.

Embora Skinner (1938/1991; 1974/2006; 1981) não tenha utilizado a palavra interação, nota-se que esse aspecto foi adotado pela Análise do Comportamento e, parece, ter prevalecido na comunidade (e.g., Cooper et al., 2019; Jhonston & Pannypacker, 2008; Moore, 2008; 2011).

Unidade de Análise

Kantor e Smith (1975) consideram o comportamento como um processo contínuo. Entretanto, para questões de estudo científico, ele deve ser fragmentado em partes ou segmentos que representam uma unidade de análise do evento interacional. Esta unidade é chamada de “segmento intercomportamental”, e é composta pelos seguintes fatores: (1) Funções de estímulo; (2) Funções de resposta; (3) Meio de contato; (4) Contexto de interação; (5) Sistema de reação; e (6) História intercomportamental.

Skinner (1953/2007) apresenta postura semelhante ao considerar que o comportamento é fluxo, porém, para propósitos científicos, pode ser fragmentado em unidades: “Vimos que qualquer unidade de comportamento operante é até certo ponto artificial. O comportamento é atividade contínua, coerente de um organismo integral” (p. 128).

Ao apresentar a unidade de análise de sua ciência, Skinner (1953/2007) cita o operante, como sinônimo de classe de respostas. Afirma que utilizará o termo operante pelo fato deste trazer implícita a ênfase de que o comportamento opera sobre o ambiente produzindo consequências e estas definem as propriedades que servem para a definição de classes de respostas. Sendo assim, a unidade de análise no behaviorismo radical é o operante, que abarca respostas e suas consequências. De forma mais elaborada, a unidade de análise passa abarcar mais um termo: o estímulo antecedente que fornece ocasião para que determinada classe de respostas ocorra e produza consequências. Tal unidade é conhecida como tríplice contingência (Morris, 1982; 1984).

Uma das críticas de Kantor (1970) à análise experimental do comportamento que pode ser compreendida como uma crítica à unidade de análise propriamente dita, é a ênfase no reforço em detrimento de outras condições que podem afetar o comportamento. Na visão de Kantor, essa característica restringiu o trabalho da análise experimental do comportamento na direção de simplificação de dados ou tipos de operações experimentais (para críticas a essa visão kantorianista ver Marr, 1984).

Tanto a contingência tríplice quanto o intercampo comportamental podem ser decompostos em fatores constituintes, o que permite uma maior compreensão das diferenças e similaridades entre o interbehaviorismo e o behaviorismo radical. A decomposição será feita com base na unidade de análise proposta por Kantor, descrevendo, se houver, a contrapartida no behaviorismo radical.

Resposta (sistema de reação) e funções de resposta. Para Kantor e Smith (1975) dividir um segmento de comportamento em estímulo e resposta é apenas o início da análise. Kantor afirma que a resposta é uma atividade complicada e, em razão disso, é essencial analisar as unidades de ação pelas quais é composta. Estas unidades são chamadas de sistemas de reação (Kantor, 1924).

Kantor e Smith (1975) apresentam dois conjuntos de fatores que compõe o sistema de reação: (1) fatores relacionados à organização estrutural do organismo, isto é, suas características biológicas – ação muscular; ação neural; ação glandular; ação de receptores; ação de efetores; ação esquelética; ação de tendões; ação da pele; e (2) fatores que representam interconexões históricas entre o organismo total e os objetos de interação, isto é, são fatores mais ecológicos do que estruturais – ação discriminativa; ação de atentar; ação de sentir.

Além desta classificação de sistemas de reação, Kantor e Smith (1975) falam sobre as funções de resposta e, neste momento, apresentam um posicionamento bastante similar ao de Skinner (1935; 1953/2007). Kantor e Smith afirmam que o fator básico de uma resposta é sua função. Logo, uma mesma resposta, topograficamente falando, pode exercer diferentes funções. A função será diferente à medida que o contexto e o segmento de comportamento também o sejam.

Skinner (1935) apresenta noção bastante semelhante. Para ele o que definiria uma classe de respostas não seria sua topografia, mas sim a relação funcional mantida com os eventos do ambiente. Esta noção permaneceu ao longo de sua obra. Skinner (1953/2007) define uma classe de respostas a partir de suas consequências. Essa postura também é bastante notável em Skinner (1957a), quando descreve os operantes verbais de acordo com sua função e não topografia.

Morris (1982) ao examinar as semelhanças e similaridades entre as propostas de Kantor e Skinner, afirma que embora a noção de função de respostas seja semelhante nestes dois autores, a divisão feita no behaviorismo radical entre respondentes e operantes, não é explicitamente apresentada no interbehaviorismo, o que parece ser uma diferença bastante significativa entre os dois sistemas².

Funções de estímulo – objetos, estímulos objetos e desenvolvimento de funções. Kantor (1924) faz uma diferenciação entre objeto e estímulos objetos. Um objeto seria um evento qualquer no mundo que ainda não exerce nenhum tipo de controle sobre um conjunto de respostas, pois não houve interação do organismo com ele.

Kantor (1924) dá o exemplo de uma criança recém-nascida. O autor diz que quando a criança chega ao mundo existem inúmeros objetos com os quais ela eventualmente interagirá. Entretanto, até que a criança interaja com algum destes objetos, nem o objeto e nem a criança exercem efeito um sobre o outro, isto é, a criança não apresenta nenhum sistema de reação ao objeto e tampouco o objeto apresenta alguma função de estímulo para a criança.

À medida que a criança passa a interagir com o objeto, a configuração se modifica, pois o objeto, após a interação, passa a exercer funções de estímulo. Logo este objeto não é mais matéria indiferenciada do ponto de vista do episódio psicológico, ele passa agora a exercer controle sobre um conjunto de respostas, então, ele passa a ser um estímulo objeto (Kantor, 1924).

Skinner (1935) fala sobre a noção de classes de estímulos. Uma classe de estímulos é definida pela relação funcional com uma classe de respostas em particular, só podendo ser definida a partir da função que exerce. Skinner não tem nenhum termo similar ao de Kantor (1924) e Kantor e Smith (1975) para distinguir entre objetos e estímulos objetos. Porém, para Skinner (1974/2006), o ambiente também não é algo dado, isto é, algo que já está no mundo exercendo algum tipo de função, pois, do ponto de vista do behaviorismo radical, o ambiente está além de um cenário onde as coisas acontecem.

Tourinho (1997) apresenta esta postura de maneira bastante clara ao fazer a distinção entre ambiente e universo. O universo seria o material indiferenciado ou circundante, similar a definição de objeto na perspectiva de Kantor. Já o ambiente é o mundo construído que exerce funções comportamentais. É somente a partir do momento em que o organismo interage com o universo que ele se transforma em ambiente, na perspectiva de Kantor, que ele se torna um estímulo objeto.

Kantor e Smith (1975) também discorrem sobre três condições distintas sobre as quais os objetos desenvolvem funções de estímulos a partir de suas interações com o organismo. Estas condições dão origem a três tipos de funções de estímulo: (1) funções universais; (2) funções individuais; e (3) funções culturais.

As funções de estímulo universais são as mais simples. Elas são baseadas nas qualidades ou propriedades naturais das coisas e sobre as propriedades biológicas do organismo que reage. Tais funções operam nas interações de

² Embora a divisão entre comportamento operante e respondente seja feita na Análise do Comportamento, existem autores que questionam sua viabilidade (para mais detalhes ver Pear & Eldridge, 1984).

humanos e não humanos e por isso são universais, além de não requererem qualquer tipo de aprendizagem prévia (Kantor & Smith, 1975).

As funções de estímulo individuais são aquelas que afetam cada organismo de maneira única e peculiar (Kantor & Smith, 1975). O exemplo apresentado pelos autores é o de dois indivíduos (A e B) que entram em contato com um tipo de pedra. O mesmo objeto exerce funções de estímulo diferente para os dois: o indivíduo A apanha a pedra e joga, enquanto B apanha a pedra e guarda para sua coleção. As funções de estímulos individuais não dependem das propriedades naturais dos objetos nem da estrutura biológica do organismo, mas sim das experiências prévias que aquele organismo teve com determinado objeto.

As funções de estímulo culturais são aquelas que afetam um conjunto ou um grupo de indivíduos de maneira similar (Kantor & Smith, 1975). O exemplo dado é de como diferentes grupos de indivíduos, por exemplo, judeus e indianos, comportam-se em relação a porcos ou vacas. A função cultural surge de um processo de institucionalização, na qual um grupo de pessoas responde a determinado objeto de maneira a tornar este objeto uma instituição, por meio de um processo de desenvolvimento social.

Skinner (1953/2007) também apresenta diferentes funções de estímulos, porém sua classificação não se assemelha a de Kantor e Smith (1975). Skinner apresenta três funções de estímulos: discriminativa, eliciadora e reforçadora; sendo que a última é sujeita a mais classificações.

Um estímulo exerce função discriminativa quando o organismo foi submetido a uma história de reforçamento diferencial, cujo critério para apresentação do reforço era a emissão de uma classe de respostas na presença de determinado estímulo e extinção desta mesma classe na presença de outros estímulos. A partir desta história de reforçamento diferencial, a classe de respostas será emitida com maior probabilidade na presença do estímulo na qual ela foi reforçada anteriormente (Sério et al., 2008).

Um estímulo também pode apresentar função eliciadora, e aqui, trata-se não mais do paradigma operante, mas sim do respondente. Um estímulo exerce tal função quando em sua presença há ocorrência fidedigna de uma determinada resposta, numa relação de probabilidade condicional que se aproxima de um (Catania, 1999).

Tanto o estímulo discriminativo quanto o eliciador são estímulos antecedentes à resposta. A diferença básica entre eles é que o primeiro se insere dentro do paradigma operante e necessita de uma história de reforçamento diferencial em sua presença, para que passe a exercer esta função; já o eliciador se insere no paradigma respondente e elicia respostas ter adquirido esta função na história da espécie, ou por ter sido pareado com o outro estímulo que já apresentava esta função eliciadora. Diz-se que o estímulo discriminativo cria condições ou aumenta a probabilidade de emissão de uma classe de respostas, enquanto o eliciador elicia, ou seja, “força” a emissão do respondente (Skinner, 1953/2007).

Um estímulo que apresenta função reforçadora é aquele que quando apresentado depois da emissão de uma classe de respostas aumenta a probabilidade de emissão desta classe no futuro em situações semelhantes (Skinner, 1953/2007). Os estímulos reforçadores são classificados por Skinner das seguintes maneiras: (1) com base na alteração ambiental que produzem – reforçadores positivos e negativos; (2) com base na origem da função comportamental – primários ou incondicionais e secundários ou condicionais/generalizados; (3) com base em como o estímulo é produzido – naturais ou intrínsecos/automáticos e arbitrários ou extrínsecos.

A classificação de estímulos de Kantor e Smith (1975) parece se assemelhar à classificação de estímulos reforçadores, mais especificamente à classificação (2) feita por Skinner (1953/2007). Os estímulos reforçadores incondicionais ou primários são aqueles que adquiriram esta função durante a história de evolução da espécie e logo não precisam de aprendizagem para exercer tal função, assim como os estímulos com funções universais. Já os estímulos condicionais ou secundários adquiriram função reforçadora durante a história ontogenética de cada organismo, logo são únicos para cada um, assim como os estímulos com funções individuais. Para Skinner (2007) estímulos reforçadores sociais ou culturais também entrariam na classificação de secundários ou condicionais, à medida que seu valor é adquirido na ontogênese.

Kantor e Smith (1975) ainda fazem mais uma categorização ao descrever as classes de funções de estímulo. Eles afirmam que as funções de estímulo são similares na maneira como correspondem as respostas, porém, podem ser diferenciadas seguindo alguns aspectos em: (1) funções primárias e acessórias; (2) funções diretas e substitutas; (3) funções endógenas e exógenas; (4) funções de inerência única e múltipla; (5) funções auxiliares e de ajustamento; e (6) funções de estímulos aparente e não aparente.

As funções primárias são inerentes ao objeto e as acessórias são adquiridas em razão de pareamento deste com outro que apresenta funções primárias. As funções diretas ocorrem quando a função do estímulo opera diretamente uma função de resposta, e substitutas são funções que interagem apenas indiretamente com a função de

resposta. Por exemplo, quando você vê um calendário e isso não produz nenhum tipo de resposta em relação ao calendário a não ser “olhar em direção a”, porém o calendário evoca uma resposta de ir a algum lugar ou ligar para alguém (Kantor & Smith, 1975).

As funções endógenas residem nas ações e condições biológicas ou psicológicas do indivíduo (“estimulação gerada por privação de alimento” ou “dor de dente”), e exógenas são inerentes a todos os objetos que são distintos do indivíduo ou de suas ações. As funções de estímulo podem ser inerentes a apenas um objeto ou propriedade (inerência única) ou podem estar presentes em diversos objetos (inerência múltipla) (Kantor & Smith, 1975).

As funções de ajustamento referem-se à maneira pela qual um conjunto de respostas se ajusta ao objeto e vice-versa. As funções auxiliares acompanham funções de ajustamento, por exemplo, quando alguém diz: “Olhe para o prédio” sua resposta é controlada pelo prédio (função de ajustamento) e pela questão (função auxiliar). As funções aparentes são claramente identificáveis pelo organismo; já nas funções não aparentes a resposta é evocada, porém o indivíduo não é capaz de dizer quais as funções de estímulo que a evocaram (Kantor & Smith, 1975).

As funções endógenas e exógenas lembram a discussão que é realizada no behaviorismo radical entre público e privado (Skinner, 1945, Tourinho, 1997, 2006a, 2006b), e as funções auxiliares e de ajustamento se aproximam da discussão feita por Skinner (1957a) sobre o controle múltiplo do comportamento, onde mais de uma variável pode exercer função sobre uma classe de respostas, ou uma única variável pode exercer função sobre mais de uma classe de respostas.

Um aspecto importante a ser notado é que o dado de interesse da ciência do comportamento proposta por Skinner é a probabilidade de respostas (Skinner, 1957b), inferida a partir da frequência (Skinner, 1953/2007). Dessa forma, a análise de Skinner é feita por meio de variáveis alteram a frequência de uma classe de respostas. Em outras palavras, a pergunta que rege a investigação é “que variáveis aumentam ou diminuem a frequência de uma dada classe de respostas?” Como já mencionado anteriormente, o processo de reforçamento tem lugar privilegiado nessa análise. Para Kantor (1970) essa é uma das possibilidades de investigação do fenômeno psicológico, porém outras, que em sua visão, não estão circunscritas ao reforçamento, existem e devem ser levadas em consideração na análise.

Meio de contato. Meio de contato é descrito por Kantor e Smith (1975) como um conjunto de condições que possibilitam a ocorrência do segmento intercomportamental. Por exemplo, não é possível requerer que um indivíduo diga “vermelho” na presença de um objeto vermelho, se não houver luz. A luz é um meio de contato que possibilita a execução do repertório discriminativo. Como exemplos de meios de contato estão: luz, ar, partículas odoríferas, mudanças químicas etc.

Skinner não apresenta nenhuma categorização de fator neste sentido, todavia ele parece tratar dessa temática quando fala sobre a sensibilidade do organismo a determinados eventos ambientais externos ou internos a seu corpo, ao tratar dos sistemas proprioceptivos, interoceptivos e exteroceptivos (Skinner, 1974/2006). Como afirmam Tourinho et al. (2000) esses sistemas possibilitam a ocorrência do fenômeno comportamental, mas a sua existência por si só não é garantia de que essas relações ocorram, o que garante a ocorrência do fenômeno comportamental são as contingências de reforçamento.

Fatores contextuais. Fatores contextuais são as condições de contexto que estão presentes e facilitam a ocorrência de um ou outro tipo de segmento intercomportamental (Kantor & Smith, 1975). Fatores contextuais podem afetar o estímulo objeto, o indivíduo ou a interação como um todo. No behaviorismo radical estes fatores, embora não tenham recebido uma nomenclatura distinta, parecem ser cada vez mais considerados (Morris, 1982; 1984).

História intercomportamental. De acordo com Kantor e Smith (1975), história intercomportamental é “a experiência comportamental completa de um indivíduo” (p. 59). Para os autores, todas as interações psicológicas são históricas, pois elas se originam do contato contínuo do organismo com o mundo. Por serem produtos de uma história de aprendizagem, as interações psicológicas se distinguem de outras ocorridas em diferentes níveis causais, como o da física e o da química. A história comportamental está entre os fatores mais relevantes de proposta interbehaviorista.

Kantor e Smith (1975) enfatizam dois fatores da história intercomportamental: (1) biografia reacional e (2) desenvolvimento de funções de estímulo. A biografia reacional diz respeito ao desenvolvimento de respostas e suas funções pelo organismo. O desenvolvimento de funções de estímulo refere-se à transformação de pessoas ou coisas como estímulos-objetos. Nota-se que tanto as funções de resposta quanto as funções de estímulo, já foram tratadas em tópicos distintos anteriores, a ênfase dada neste tópico é como estas funções se desenvolvem ou foram construídas historicamente durante a interação.

Ainda com relação à biografia reacional, Kantor e Smith (1975) distinguem dois tipos de origens para o comportamento: (1) imediato – quando não há necessidade de que mais de uma interação entre o organismo e o mundo que o cerca ocorra para que haja adequação na interação; e (2) progressivo – quando há necessidade de que muitas instâncias de interações ocorram para que haja adequação.

O comportamento que tem origem imediata está ligado a funções de sobrevivência, portanto, tais interações têm base biológica bastante forte, como por exemplo, quando um bebê retira a mão de uma superfície muito aquecida. Este tipo de interação configura, na visão de Kantor e Smith (1975), o tipo mais simples de interação possível. O comportamento que tem origem progressiva envolve, nesta perspectiva, maior complexidade.

Ao falar de história intercomportamental, Kantor e Smith (1975) também consideram aspectos como: início dessa história e fatores que a influenciam. Com relação ao primeiro aspecto, os autores apontam que os organismos psicológicos são animais, sendo assim, as interações possíveis destes organismos com o mundo dependem de uma maturidade biológica. Para os autores a história intercomportamental se inicia em algum momento durante o desenvolvimento intrauterino, no qual o organismo já desenvolveu algumas estruturas e funções biológicas.

Nesta mesma linha, Kantor e Smith (1975) passam a discutir sobre a influência de fatores biológicos no desenvolvimento da história intercomportamental. Os autores reconhecem que a história intercomportamental depende de um organismo que interage, e que este organismo é biológico. Contudo, consideram que há uma divergência entre desenvolvimento psicológico e biológico, pontuada por dois princípios importantes para o estudo da psicologia. O primeiro princípio afirma que as reações psicológicas não são meras funções de estruturas biológicas, embora dependam delas para ocorrer. Esta suposição leva ao segundo princípio que afirma que fatores biológicos participam do comportamento psicológico, isto é, eles são necessários para que o comportamento ocorra, mas não devem ser tomados como causas do comportamento. Para Kantor e Smith eles participam do comportamento, assim como fatores físicos e químicos. São pré-condições e não causas do comportamento.

Além de considerar influências biológicas, Kantor e Smith (1975) também consideram influências culturais sobre a história intercomportamental. Para os autores, o comportamento sempre estará sujeito a tais fatores. Fatores biológicos constituem-se na possibilidade para o desenvolvimento de determinados tipos de segmentos de comportamento, assim como os fatores culturais. Embora tenhamos nascido com capacidade de articular movimentos da laringe e faringe para produzir sons sob determinados controles (fator biológico), não o faremos se não formos expostos a interações que nos possibilitem desenvolver este segmento intercomportamental, e faremos sons diferentes para “falar coisas diferentes” a depender da cultura linguística que estivermos inseridos (fator cultural).

Levando em consideração estes dois fatores, Kantor e Smith (1975) distinguem três estágios bem definidos na evolução de qualquer história intercomportamental. Cada estágio representa um período em que o indivíduo começa a emitir determinadas respostas. São eles: (1) estágio de fundação; (2) estágio básico; e (3) estágio social.

O estágio de fundação é aquele no qual o organismo começa a desempenhar algum tipo de conduta psicológica (Kantor & Smith, 1975). Neste estágio, os fatores biológicos são proeminentes, sendo que o estágio em si depende da maturação do organismo biológico, do exercício de estruturas e funções e da adaptação geral do organismo a condições ambientais. Dentro deste estágio, Kantor e Smith (1975) listam respostas reflexas (condicionais e incondicionais), randômicas (ações que são transicionais entre ações meramente biológicas e ações psicológicas, como movimento não coordenado do bebê) e ecológicas (reações diferenciais às coisas baseadas primariamente sobre suas características – cor, com forma, estados).

O estágio básico é o primeiro estágio intercomportamental de contato com o mundo, livre biologicamente. Nesse estágio há a construção de respostas características para indivíduos particulares, marcando a formação de padrões de intercomportamento que caracterizam a identidade pessoa do indivíduo (Kantor, 1959/1978).

O estágio social corresponde ao estágio adulto na história intercomportamental (Kantor & Smith, 1975). Quatro tipos de reações sociais distintas ocorrem quando se atinge este estágio: (1) respostas supra básicas – que são formas modificadas de respostas que já foram desenvolvidas no estágio básico; (2) respostas contingenciais – que ocorrem quando o organismo é exposto a situações emergenciais, novas e imprevisíveis, como situações desfavoráveis e de resolução de problemas; (3) respostas idiossincráticas – respostas peculiares de cada indivíduo, construídas de modo singular pela história de cada um; (4) respostas culturais – formas de respostas padrão de indivíduos que pertencem a um grupo cultural definido (Kantor & Smith, 1975).

Skinner (1953/2007; 1981) dá bastante importância à história para explicação do comportamento dos organismos, porém, discute sobre isso de maneira distinta. Skinner sumariza três níveis históricos de determinação do comportamento, afirmando que o comportamento poderia ser entendido como produto de: (i) contingências de sobrevivência responsáveis pela seleção natural das espécies e (ii) as contingências de reforçamento responsáveis

pelos repertórios adquiridos pelos seus membros, incluindo (iii) contingências especiais mantidas por um ambiente social evoluído” (Skinner, 1981, p. 14).

Para Skinner (1981), o comportamento é produto destas três histórias de variação e seleção. Skinner não exclui fatores biológicos e nem tampouco culturais de sua formulação comportamental (Carvalho Neto & Tourinho, 1999). Para ele, o organismo só é sensível às contingências de reforçamento porque é produto de um processo de seleção natural, no qual os organismos que apresentaram esta característica sobreviveram e se reproduziram diferencialmente.

Logo, só é possível comportamento porque há um organismo biológico que apresenta esta função. O comportamento além de ser moldado pelas interações idiossincráticas do organismo com seu ambiente, em sua própria história de vida, também recebe influência de contingências organizadas por grupos de organismos, que mantêm repertórios muitas vezes importantes para este grupo (Skinner, 1981).

Morris (1982) afirma que o conceito de história intercomportamental em Kantor seria o equivalente à ontogênese ou história de reforçamento em Skinner. Observa-se que Kantor e Smith (1975), de fato, preocupam-se com o desenvolvimento da história intercomportamental do organismo em seu tempo de vida, considerando fatores que influenciam esta história (biológicos e culturais). Tanto Kantor quanto Skinner consideram fatores históricos sejam eles biológicos, individuais e culturais na determinação do comportamento ou intercomportamento, porém de forma distinta. Kantor trata desses fatores ao falar, por exemplo, de funções de estímulo e de estágios intercomportamental (Kantor, 1959/1978; Kantor & Smith, 1975). Skinner (1981) trata das histórias de evolução da espécie, do indivíduo e da cultura, reconhecendo a primeira e a última como campos de estudos de outras disciplinas como biologia e antropologia. Skinner também sugere a presença de dois mecanismos históricos supostamente universais, variação e seleção, atuando em três níveis comportamentais, filogênese, ontogêneses e cultura.

Modelo de causalidade. Kantor (1959/1978) apresenta oito postulados da psicologia intercomportamental, o último deles versando sobre princípios causais: “Os eventos psicológicos consistem de fatores inter-relacionados que não admitem determinantes internos ou externos” (p. 96).

Kantor critica a tradição psicológica que tem como base o modelo de causalidade mecânico, no qual um estímulo causa uma determinada resposta e onde é necessário encontrar elos dentro da cadeia causal. Também critica a atribuição de causas a fatores internos como “faculdades mentais” e “instintos”, e a fatores externos como “motivações”.

Para Kantor (1959/1978), admitir que fatores internos sejam tomados como causa implica em mecanicismo e dualismo. Com relação aos fatores externos, designar um evento como “causa” constitui uma relação unidirecional que, no campo da psicologia intercomportamental, parece inadmissível, desde que o fenômeno básico de interesse são as interações entre organismo e mundo, e estas interações são dinâmicas, indissociáveis e bidirecionais. Kantor parece não atribuir *status* causal predominante para nenhuma das variáveis que participam do segmento de intercomportamento. Para o autor, todos os eventos são igualmente necessários e relevantes.

Skinner (1938/1991; 1953/2007; 1981) parece ter adotado ao menos dois modelos de ciência e causalidade distintos ao longo de sua carreira (Micheletto, 1995). Na década de 1930, Skinner adotava o modelo da física e da química, sendo crítico do mecanicismo clássico, aproximando-se do modelo de relações funcionais entre eventos proposto por Ernest Mach. Embora crítico do mecanicismo, o fato de Skinner (1931) ter adotado o reflexo como unidade de análise, além de outras características de seu sistema, acabaram por aproximá-lo do mecanicismo que ele criticava. Com a adoção do operante e, na década de 1960, do modo causal selecionista, Skinner parece se afastar explicitamente do mecanicismo clássico. A partir deste momento, Skinner adota um modo de causalidade advindo da biologia, uma causalidade essencialmente histórica, baseada nos processos de variação e seleção, composta pelos três níveis de determinação: filogênese, ontogênese e cultura (Micheletto, 1995).³ Contudo, vale ressaltar que a busca de relações funcionais, aos moldes propostos por Ernest Mach, jamais foi abandonada por Skinner (Carrara & Zílio, 2020).

Skinner e Kantor compartilham o afastamento da causalidade mecânica e a crítica a eventos metafísicos na descrição/explicação do comportamento. Nesse sentido, ambos têm características machianas, além da adoção das relações funcionais para descrição/explicação do comportamento. Por exemplo, Delprato (2018) argumenta que o ponto central da dissertação de doutorado de Kantor concluída em 1917, eram as relações funcionais. Para Kantor, o comportamento de categorizar dos filósofos, em diferentes momentos da história, era função (dependia de) das condições de vida dessas pessoas. Análise semelhante acerca de constructos e conceitos foi feita posteriormente por Skinner (1957a).

A analogia explícita com a seleção natural e modelo de ciência da biologia adotados por Skinner (1981) não são observados em Kantor. Contudo, isso não significa que o autor desconsidere em seu modelo variáveis biológicas

³ Para uma discussão sobre as origens do modelo selecionista na obra de Skinner, ver Leão e Carvalho Neto (2018).

da espécie e questões da cultura, como pode ser observado em sua categorização de funções de estímulo. Embora as relações funcionais sejam base para compreensão do fenômeno psicológico em ambos, podemos argumentar que Kantor privilegia uma análise mais molar ou holística, considerando níveis mais amplos de análise e a possibilidade de interconexão entre todos os elementos dentro do seguimento de intercomportamento.

Considerações Finais

O presente ensaio apresentou de maneira comparada alguns aspectos dos behaviorismos de Kantor e Skinner, de forma a indicar similaridades e diferenças entre eles. Foram abordados brevemente os seguintes tópicos: objeto de estudo; unidade de análise e seus componentes e modelo de causalidade.

Mais similaridades entre estes autores podem ser encontradas do que diferenças. Porém, como afirma Moore (1984), eles nunca atingiram compatibilidade embora, a partir das análises de alguns aspectos de seus sistemas, isso fosse possível. O behaviorismo de Kantor é bastante robusto e estruturado filosófica e conceitualmente, contudo, carece de base experimental e metodologicamente não foi tão inspirador e produtivo quanto o behaviorismo radical de Skinner. Sendo um sistema essencialmente teórico-filosófico, com fortes pretensões taxonômicas, o interbehaviorismo não passou por um crivo experimental e não também não gerou tecnologia.

Vale a ressalva de que o trabalho de Kantor era de natureza filosófica. Marr (1984) descreve Kantor como um “pensador”, no sentido de que seu trabalho e seu pensamento foram livrescos. Kantor não tinha a pretensão de desenvolver uma tecnologia, embora em sua obra possa ser encontradas diretrizes para tal. Todavia, como afirma Marr (1984): “seu mundo reflete uma “forma de vida” que não é facilmente integrada dentro do método experimental” (p. 195). Nota-se no interbehaviorismo muitos elementos na composição e descrição de fenômenos, o que pode ser pouco parcimonioso e produtivo em termos práticos (Maar, 1984). O modelo desenvolvido por Emilio Ribes talvez seja o melhor exemplo de aplicação que tem o interbehaviorismo como influência.

Mesmo assim, alguns aspectos do interbehaviorismo poderiam auxiliar behavioristas radicais em suas formulações como: a ênfase explícita no comportamento como fenômeno interacional, as distinções claras entre objetos e estímulos objetos e a busca por testar experimentalmente as diversas funções comportamentais sugeridas por Kantor. Como afirma Morris (1982), o interbehaviorismo é um sistema que provê um arcabouço filosófico e conceitual para a psicologia enquanto ciência natural. Um entendimento mais amplo deste sistema pode fornecer novas análises e reflexões, até mesmo por um sistema filosófico consolidado como o behaviorismo radical.

Declaração de conflito de interesses

Os autores declaram que não há conflito de interesses relativos à publicação deste artigo.

Contribuição de cada autor

Certificamos que todos os autores participaram suficientemente do trabalho para tornar pública sua responsabilidade pelo conteúdo. A contribuição de cada autor pode ser atribuída como se segue: Bruna Colombo dos Santos foi responsável pela coleta de dados e redação. Marcus Bentes de Carvalho Neto foi responsável pela redação e aprimoramento conceitual.

Direitos Autorais

Este é um artigo aberto e pode ser reproduzido livremente, distribuído, transmitido ou modificado, por qualquer pessoa desde que usado sem fins comerciais. O trabalho é disponibilizado sob a licença Creative Commons 4.0 BY-NC.



Referências

- Carrara, K., & Zílio, D. (2020). De Mach a Skinner: a ciência como o behaviorista radical a compreende. *Acta Comportamental*, 28(2), 237-255. <http://www.revistas.unam.mx/index.php/acom/article/view/75954>
- Carvalho Neto, M. B. (2001). *B. F. Skinner e as explicações mentalistas para o comportamento: Uma análise histórico-conceitual (1931-1959)* [Tese de Doutorado não publicada]. Universidade de São Paulo. <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47132/tde-24032006-140557/publico/TeseCarvalhoNeto2001.pdf>
- Carvalho Neto, M. B., & Tourinho, E. Z. (1999). Skinner e o lugar das variáveis biológicas em uma explicação comportamental. *Psicologia: Teoria & Pesquisa*, 15 (1), 45-53. <https://periodicos.unb.br/index.php/revistapt/article/view/17341>

- Catania, A. C. (1999). *Aprendizagem: Comportamento, Linguagem e Cognição* (D. G. Souza, Trad.). Artmed.
- Chiesa, M. (2006). *Behaviorismo Radical: a filosofia e a ciência* (C. E. Cameschi, Trans.). Celeiro; IBAC. (Trabalho originalmente publicado em 1994)
- Cooper, J. O., Heron, T. E., & Heward, W.L. (2019). *Applied Behavior Analysis* (3ª ed.). Pearson.
- Cruz, R. N. (2019). *B. F. Skinner: uma biografia do cotidiano científico*. Artesã.
- Danziger, K. (1980). The history of introspection reconsidered. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, 16(3), 241-262. [https://doi.org/10.1002/1520-6696\(198007\)16:3%3C241::AID-JHBS2300160306%3E3.0.CO;2-O](https://doi.org/10.1002/1520-6696(198007)16:3%3C241::AID-JHBS2300160306%3E3.0.CO;2-O)
- Danziger, K. (2001). Introspection: history of the concept. In N. J. Smelser, & P. B. Baltes (Eds.), *International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences* (pp. 7888-7891). <https://doi.org/10.1016/B0-08-043076-7/00129-7>
- Delprato, D. J. (2018). J. R. Kantor's Philosophical Dissertation and His Psychological Science. *The Psychological Records*, 68, 263-266. <https://doi.org/10.1007/s40732-018-0266-3>
- Hackenberg, T. D. (1995). Jacques Loeb, B. F. Skinner, and the Legacy of Prediction and Control. *The Behavior Analyst*, 18(2), 225-236. <https://doi.org/10.1007/BF03392710>
- Hayes, L. J., & Fredericks, D. W. (1999). Interbehaviorism and Interbehavioral Psychology. In W. O'Donahue, & R. Kitchener (Eds.), *Handbook of behaviorism* (pp. 71-96). Academic Press. doi:10.1016/b978-012524190-8/50004-8
- Jhonston, J. M. & Pennypacker, H. S. (2008). *Strategies and Tactics of Behavioral Research* (3ª ed). Routledge.
- Kantor, J. R. (1924). *Principles of psychology* (Volume I). The Principia Press. <https://doi.org/10.1037/10752-000>
- Kantor, J. R. (1970). An analysis of Experimental Analysis of Behavior (TEAB). *Journal of Experimental Analysis of Behavior*, 13, 101-108. <https://doi.org/10.1901/jeab.1970.13-101>
- Kantor, J. R. (1978). *Psicologia interconductual: Um exemplo de construcción científica sistemática*. Trillas (Trabalho originalmente publicado em 1959)
- Kantor, J. R. & Smith, N. W. (1975). *The science of psychology: An interbehavioral survey*. Principia Press.
- Leão, M. F. F. C. & Carvalho Neto, M. B. (2018). Successive approximations to selectionism: Skinner's framework for behavior in the 1930s and 1940s. *Revista Mexicana de Análisis de la Conducta*, 44 (1), 1-24. <http://dx.doi.org/10.5514/rmac.v44.i1.65349>
- Marr, J. (1984). Some reflections on Kantor's (1970) "An analysis of the experimental analysis of behavior (TEAB)". *The Behavior Analyst*, 7(2), 189-196. <http://dx.doi.org/10.1007/BF03391902>
- Mahoney, M. J. (1989). Scientific psychology and radical behaviorism: Important distinctions based in scientism and objectivism. *American Psychologist*, 44(11), 1372-1377. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.44.11.1372>
- Marx, M. H. & Hillix, W. A. (1963). *Systems and theories in psychology*. McGraw-Hill.
- Micheletto, N. (1995). *Uma questão de consequências: A elaboração da proposta metodológica de Skinner* [Tese de Doutorado não publicada]. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Moore, J. (1984). Conceptual contributions by Kantor's Interbehavioral Psychology. *The Behavior Analyst*, 7, 183-187. <https://doi.org/10.1007/BF03391901>
- Moore, J. (2008). *Conceptual foundations of radical behaviorism*. Cornwall-on-Hudson: Sloan.
- Moore, J. (2011). Behaviorism. *The Psychological Record*, 61, 449-464. <https://doi.org/10.1007/BF03395771>
- Morris, E. K. (1982). Some relationships between Interbehavioral Psychology and Radical Behaviorism. *Behaviorism*, 10(2), 187-216. <http://doi.org/10.2307/27759006>
- Morris, E. K. (1984). Interbehavioral Psychology and Radical Behaviorism: Some similarities and differences. *The Behavior Analyst*, 7(2), 197-204. <https://doi.org/10.1007/BF03391903>
- O'Donahue, W., & Kitchener, F. (1999). Introduction: The Behaviorisms. In W. O'Donahue, & F. Kitchener (Eds.), *Handbook of behaviorism* (pp. 1-13). Academic Press.
- Parrott, L. J. (1983). On the differences between Skinner's Radical Behaviorism and Kantor's Interbehaviorism. *Revista Mexicana de Análisis de la Conducta*, 9(2), 95-115. <http://rmac-mx.org/on-the-differences-between-skinners-radical-behaviorism-and-kantors-interbehaviorism/>
- Parrot, L. J. (1984). J. R. Kantor's contributions to Psychology and Philosophy: A guide to further study. *The Behavior Analyst*, 7(2), 169-181. <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2741756/pdf/behavan00067-0088.pdf>
- Pear, J. J., & Eldridge, G. D. (1984). The operant-respondent distinction: future directions. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 42(3), 453-467. <https://doi.org/10.1901/jeab.1984.42-453>
- Sério, T. M. A. P. (1990). *Um caso na história do método científico: Do reflexo ao operante* [Tese de Doutorado não publicada]. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Sério, T. M. A. P., Andery, M. A. P., Gioia, P. S., & Micheletto, N. (2008). *Controle de estímulos e comportamento operante: Uma (nova) introdução*. EDUC.

- Skinner, B. F. (1931). The concept of reflex in the description of behavior. *Journal of General Psychology*, 5(4), 125-129. <https://doi.org/10.1080/00221309.1931.9918416>
- Skinner, B. F. (1935). The generic nature of the concepts of stimulus and response. *Journal of General Psychology*, 12, 40-65. <https://doi.org/10.1080/00221309.1935.9920087>
- Skinner, B. F. (1945). The analysis operational of psychological terms. *Psychological Review*, 52(5), 270-277. <https://doi.org/10.1037/h0062535>
- Skinner, B. F. (1957a). *Verbal behavior*. Prentice-Hall.
- Skinner, B. F. (1957b). The experimental analysis of behavior. *American Scientist*, 45(4), 343-371. <http://www.jstor.org/stable/27826953>
- Skinner, B. F. (1979). *The shaping of a behaviorist*. Knopf.
- Skinner, B. F. (1981). Selection by consequences. *Science*, 213(4507), 501-504. <https://doi.org/10.1126/science.7244649>
- Skinner, B. F. (1991). *The behavior of organisms: An experimental analysis* (Rev. ed.). Copley Publishing Group. (Trabalho original publicado em 1938).
- Skinner, B. F. (2006). *Sobre o behaviorismo* (M. P. Vilalobos, Trad.). Cultrix. (Trabalho original publicado em 1974).
- Skinner, B. F. (2007). *Ciência e comportamento humano* (J. C. Todorov, Trad.). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1953)
- Tourinho, E. Z. (1997). Privacidade, comportamento e o conceito de ambiente interno. Em R. A. Banaco (Org.), *Comportamento e cognição* (vol. 1, pp. 217-229). Esetec.
- Tourinho, E. Z. (2004). Behaviorism, Interbehaviorism and the boundaries of a science of behavior. *European Journal of Behavior Analysis*, 5, 15-27. <https://doi.org/10.1080/15021149.2004.11434228>
- Tourinho, E. Z. (2006a). On the distinction between private events and the physiology of the organism. *The Behavior Analyst Today*, 7(4), 548-559. <https://doi.org/10.1037/h0100097>
- Tourinho, E. Z. (2006b). Private stimuli, covert responses, and private events: conceptual remarks. *The Behavior Analyst*, 29, 13-31. <https://doi.org/10.1007/BF03392115>
- Tourinho, E. Z. (2011). Notas sobre o Behaviorismo de ontem e de hoje. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 24, 186-194. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722011000100022>
- Tourinho, E. Z., Teixeira, E. R., & Maciel, J. M. (2000). Fronteiras entre Análise do Comportamento e Fisiologia: Skinner e a temática dos eventos privados. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 13(3), 425-434. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722000000300011>
- Vargas, J. S. (1990). B. F. Skinner – The last few days. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 23(4), 409-410. <https://doi.org/10.1901/jaba.1990.23-409>
- Zilio, D. & Carrara, K. (2016). *Behaviorismos: Reflexões históricas e conceituais* (Volume I). Centro Paradigma de Ciências e Tecnologia do Comportamento.
- Zilio, D. & Carrara, K. (2017). *Behaviorismos: Reflexões históricas e conceituais* (Volume II). Centro Paradigma de Ciências e Tecnologia do Comportamento.
- Zilio, D. & Carrara, K. (2019). *Behaviorismos: Reflexões históricas e conceituais* (Volume III). Centro Paradigma de Ciências e Tecnologia do Comportamento.

Submetido em: 13/07/2020

Aceito em: 26/11/2020